

***“Sempre quando penso nisso, eu acho bastante curioso”:  
avaliações de um professor sobre comunicação à luz do Sistema de Avaliatividade***

**Lucia Cristina Fernandes Antunes Provenzano**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

**Resumo:** Neste artigo trago o discurso de Paulo, um professor que reflete sobre o papel da comunicação na sua vida pessoal e profissional. Os dados apresentados foram gerados durante uma conversa e tenho como objetivos (i) realizar a análise discursiva da conversa gerada e (ii) reflexionar como a prática discursiva avaliativa cria sentidos sobre a comunicação para o participante deste estudo. Me alinho com a estrutura teórica da Linguística Aplicada Contemporânea (Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2006; Rajagoplan, 2003, 2006) e para fundamentar a análise me baseio na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2014), com foco no Sistema de Avaliatividade, (Martin; White 2005), em especial no subsistema da Atitude. Nos dados analisados percebe-se o predomínio do afeto de insegurança e insatisfação com o uso da comunicação. Os dados também apontam para a reflexão que o participante faz sobre os seus entendimentos de comunicação.

**Palavras-chave:** Comunicação. Linguística Sistêmico-Funcional. Sistema de Avaliatividade. Atitude.

**Abstract:** This article presents the discourse of Paulo, a teacher who reflects on the role of communication in his personal and professional life. The data were generated during a conversation, and the objectives are (i) to conduct a discourse analysis of the generated conversation and (ii) to reflect on how evaluative discursive practice constructs meanings about communication for the participant in this study. This study aligns with the theoretical framework of Contemporary Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2006; Rajagoplan, 2003, 2006) and bases its analysis on Systemic-Functional Linguistics, (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2014), focusing on the Appraisal System, (Martin; White 2005), particularly the Attitude subsystem. The analyzed data reveal a predominance of Affect, specifically insecurity and dissatisfaction, in relation to the use of communication. The data also highlight the participant's reflections on his understanding of communication.

**Keywords:** Communication. Systemic-Functional Linguistics. Appraisal System. Attitude.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Comunicação é um dos comportamentos que mais nos caracteriza como espécie. Ela é a grande responsável pelo bemestar das pessoas, é modificada durante a vida e sofre influência de aspectos biológicos, psicológicos e sociais, com grande impacto na cultura e na sociedade. É um processo criado e renovado, não repetitivo, que sempre se aprimora, e o meio pelo qual as pessoas recebem e transmitem ideias, mensagens, sentimentos, emoções, impressões e imagens de várias ordens (Behlau; Bárbara, 2022).

Comunicar constitui um ato de desejo, de conhecimento, de comportamento social. Fiorin (2006) aborda o tema pontuando que é mais do que um sistema abstrato, fruto da relação entre eu e o outro. Isso implica um ato social envolvendo elementos do contexto individual e social, coletivos, e que se utiliza de recursos verbais e não verbais.

Nesse sentido, a comunicação não só pode ser vista como um elemento essencial aos seres humanos, mas também, principalmente, como uma relação intersubjetiva, que tem por intuito transmitir uma mensagem a outro(s). Assim, comunicar no sentido humano é estabelecer uma relação entre uma pessoa e outra(s) para compartilhar o sentido de uma mensagem. A mensagem compartilhada se abre em uma série de outras, uma vez que não é feita apenas mediante palavras isoladas, separadas umas das outras, e da situação em que é produzida (Verrengia, 2006). Representa uma estrutura complexa de relações e de interações linguísticas e não linguísticas com aquilo que se diz, com aquele(s) a quem se diz, e com a situação e contexto no qual é dito (Peruzzolo, 2004).

A comunicação em sala de aula é também uma rede complexa de interações linguísticas e não linguísticas, observada como um campo muito rico para o estudo das relações sociais que lá se estabelecem. Verrengia; Pavanello (2018) salientam a importância de produção de pesquisas nas últimas décadas, principalmente aquelas que examinam aspectos relacionados à importância da comunicação na formação docente.

Concordo com Chaves (2009) quando a autora coloca ser incontestável o fato de que a expressividade e a comunicação verbal são os recursos mais utilizados pelos professores, sendo esses recursos aplicados para promover a interação e a construção de significados, além de contribuírem diretamente para o processo ensino-aprendizagem. A autora argumenta também que a expressividade é um constituinte indissociável da comunicação, que as salas de aula são espaços de comunicação e que as palavras e a forma como são ditas orientam as intenções e permitem a apropriação dos significados pelos estudantes.

Assim, o presente artigo alinha-se com a Linguística Aplicada Contemporânea (LAC) (Rajagoplan, 2003, 2006; Moita Lopes, 2006), campo indisciplinar e misto, que procura criar inteligibilidades no uso da linguagem em contextos sociais. Além disso, é considerada um locus continuamente crítico, autorreflexivo, que direciona suas preocupações para questões relacionadas à vida sociocultural, política e histórica (Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2006).

Estudos na área da LAC têm como direcionamento focar a linguagem como prática social, observando-a em uso, entrelaçada aos fatores contextuais. É um direcionamento que tem o interesse em analisar a linguagem de uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, compreendendo que, “se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva” (Fabrício, 2006, p. 25). É uma área que entende que a relevância das questões que estuda precisa ser relevante também para as nossas vidas e para a sociedade de modo geral (Rajagoplan, 2003). Sendo assim, alinho-me às ideias de Rajagoplan (2006), no sentido de que a Linguística Aplicada faça a união da prática à teoria, caminhando para dar conta desse nosso mundo atual, plural e contemporâneo.

Nesse contexto, o paradigma qualitativo e interpretativo de pesquisa (Denzin; Lincoln, 2006) orienta o meu caminho neste trabalho, que emergiu após uma conversa com um professor de inglês, sobre a comunicação na sua vida pessoal e profissional. Dessa forma, tenho como objetivos (i) realizar a análise discursiva da conversa gerada e (ii) reflexionar como a prática discursiva avaliativa cria sentidos sobre a comunicação para o participante deste estudo. Para fundamentar a análise, me baseio na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2014), com foco no Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), em especial no subsistema da Atitude.

Este artigo está estruturado em quatro seções, sendo estas considerações iniciais a primeira. Em seguida, apresento a fundamentação teórica que me auxiliou na construção desta reflexão. Na terceira seção, apresento os caminhos metodológicos para, em seguida, discutir e analisar a conversa realizada, bem como contextualizar sobre o participante, colaborador neste estudo. Por fim, teço minhas considerações momentâneas.

## **2 CAMINHOS TEÓRICOS**

### **2.1 – Linguística SistêmicoFuncional e Sistema de Avaliatividade**

A Linguística SistêmicoFuncional, doravante LSF permite descrever a língua em toda a sua amplitude de forma e significado, pesquisando a linguagem a partir da situação em que esta

é produzida. É uma teoria que leva em consideração quem está produzindo a linguagem, para quem, em que momento, onde e como (Bárbara; Macedo, 2009).

Na LSF a linguagem é um meio para construção de significados em situações de comunicação. Esses significados estão organizados em três meta funções: a ideacional, responsável pela construção das experiências; a interpessoal, encarregada da negociação das relações pessoais; e a textual, que diz respeito ao fluxo das informações (Halliday; Matthiessen, 2014). Na metafunção interpessoal, abriga-se o sistema discursivo de Avaliatividade, proporcionando o entendimento de significados valorativos, tanto em textos dialógicos, como monológicos (Fuzer; Cabral, 2023).

Para Martin; White (2005), o Sistema de Avaliatividade está inserido na teoria proposta pela LSF - teoria que analisa a língua em uso, destacando o aspecto social da linguagem - uma vez que as escolhas não acontecem por acaso, sendo resultado de algumas preferências léxico-gramaticais em detrimento de outras. Para os autores citados, o Sistema de Avaliatividade permite que o pesquisador analise aspectos de avaliação presentes no discurso, o qual é produzido na esfera social, formado por emoções, crenças e valores individuais, nas mais diversas situações. Segundo Vian Jr., a Avaliatividade se refere “a todo potencial que a língua oferece para realizarmos significados avaliativos, ou seja, para expressarmos pontos de vista positivos ou negativos” (Vian Jr., 2009, p. 103).

Quanto à sua composição, o Sistema de Avaliatividade divide-se em três subsistemas inter-relacionados: Atitude, Engajamento e Gradação (Martin; Rose, 2003; Thompson, 2014). A Atitude enfoca sentimentos e reações emocionais; o Engajamento lida com a origem das atitudes e com as vozes em relação a opiniões no discurso; já a Gradação busca situar os fenômenos de acordo com a intensidade com que ocorrem.

O subsistema de Atitude divide-se em três campos semânticos - Afeto, Julgamento e Apreciação. Cada um desses subsistemas, conforme pontua Nóbrega (2009), possui as suas características próprias, porém a autora salienta que se encontram interligados, a partir do Afeto. Para Martin; White (2005, p. 43-44), é possível inferir que (i) o Afeto está ligado às emoções; (ii) o Julgamento relaciona-se à ética e a avaliação do comportamento; e (iii) a Apreciação refere-se à estética.

Assim, para a análise do discurso avaliativo, e, de acordo com cada domínio, as seguintes perguntas podem ser propostas: qual a natureza da avaliação? (Atitude); de onde vem a avaliação e que vozes nela se encontram? (Engajamento); e o quão forte é a avaliação? (Gradação) (Nóbrega, 2009). Para o entendimento do tema deste trabalho, alicerço minha

análise no domínio da Atitude, em seus componentes Afeto, Julgamento, e Apreciação, que, respectivamente, evocam a linguagem avaliativa da emoção, da ética e da estética (Martin; White, 2005).

## 2.2 Subsistema de Atitude

O subsistema da Atitude diz respeito aos recursos linguísticos e semântico-discursivos que realizam avaliações de sentimentos, emoções e reações das pessoas, além de comportamentos e a valoração das coisas no discurso. Esses recursos podem expressar as avaliações de forma explícita ou implícita, o que Martin; White (2005) denominam de avaliação inscrita ou avaliação invocada, respectivamente.

Os significados da Atitude, inscritos ou invocados, constituem três categorias: Afeto, para expressar emoção e reação das pessoas; Julgamento, para avaliar comportamentos; e Apreciação, para reconhecer o valor das coisas (Martin; White, 2005). O Julgamento e a Apreciação têm relação com sentimentos institucionalizados no mundo social. No Julgamento podemos perceber as avaliações dos falantes que estão relacionadas ao “como comportar-se” na sociedade, avaliações essas emitidas sobre a ética e a moralidade, estabelecidas institucionalmente (Vian Jr; Souza; Almeida, p. 100, 2011). Já a Apreciação se refere às avaliações sobre as coisas e objetos, no campo da forma e da estética (ibid., 2011).

Na esfera do Afeto, os recursos avaliativos podem ser graduáveis como bons ou maus, positivos ou negativos, agrupando-se as emoções em três conjuntos: felicidade/infelicidade, segurança/insegurança, satisfação/insatisfação. Já a atitude de Julgamento é dividida em dois tipos: estima social e sanção social. As avaliações de Apreciação dividem-se em três tipos: reação, composição e valoração (Vian Jr; Souza; Almeida, 2011).

Considerando o percurso adotado para este artigo, o olhar para o subsistema da Atitude, sendo este o que enfoca sentimentos e reações emocionais, a seguir teço considerações sobre as emoções, na perspectiva de teóricos de diversas áreas do conhecimento.

## 2.3 Emoções

A definição da palavra *emoção* é entendida por Hansen (1999) como algo que implica motivação e ação. O autor pontua ainda que emoções coloreem nossas percepções e são responsáveis por nossas escolhas de como agir no futuro. Já para Barcelos (2013), existem tantas definições quanto as inúmeras emoções que podemos sentir e suas combinações. A autora sinaliza ainda que as emoções não são estáticas, desenvolvem-se como um processo, sempre

em constante construção, em um sistema complexo que acontece na relação com os outros, nos diferentes contextos.

O fato é que, desde que, em 1884, William James perguntou “O que é uma emoção?” surgiram dezenas de definições, como explicam Dias et al (2008). Entretanto, ainda não existe um consenso entre os pesquisadores no que se refere à definição de emoção que consiga abranger todos os estudos realizados sobre o tema, “parecendo que todas as pessoas sabem o que é uma emoção, até lhes pedirem que deem uma definição” (ibid., p. 16).

De acordo com Le Breton (2019), os homens sentem afetivamente os acontecimentos de suas vidas por meio de diferentes repertórios culturais que, embora possam parecer em muitas situações semelhantes, não são similares. O autor enfatiza que cada termo do léxico afetivo empregado por uma sociedade, por um grupo social, deve necessariamente ser compreendido no contexto local de suas aplicações concretas. Para o autor, “os sentimentos e as emoções não são estados absolutos (...). “Tampouco são, ao menos exclusivamente, processos fisiológicos (...). Trata-se de relações (Le Breton 2019, p. 9).

Nessa esteira de pensamento, Zembylas (2003) argumenta que as emoções são centrais na constituição das identidades devido a uma razão principal: são as responsáveis pela atribuição de significado às experiências. Essa relação é considerada complexa pelo fato de envolver uma multiplicidade de emoções em interação entre si, assim como com diferentes identidades que surgem e se encontram em negociação, em um determinado evento, influenciadas pelos contextos e pelas relações de poder (Zembylas, 2005; Barcelos, 2013). De acordo com Zembylas (2005), razão e emoções se constituem mutuamente, são interdependentes, não se apresentando em oposição.

Nesse contexto, minha jornada neste universo acadêmico, de leituras e estudos sobre emoções, me leva ao encontro das palavras de Coelho; Durão (2017, p. 59), que ressoam em mim e com as quais me identifico. Dessa forma, alinho-me às autoras quando abraço a reflexão de que “as emoções, assim, parecem fazer coisas” [...] “fazemos coisas ao sentir”. Elas ressaltam que esses sentires são conduzidos não por oscilações do íntimo, nem tampouco de forma idiossincrática, mas sim “por formas codificadas e perpassadas por códigos morais e convicções ético-políticas, que prescrevem, avaliam, condenam, exigem e até mesmo proscovem reações emocionais”. Assim, acolho as ideias e estudos das autoras, acreditando que nós intervimos no mundo ao sentir (ibid., 2017).

No campo das ciências sociais, Rezende; Coelho (2010, p. 12) enfatizam a importância de se pensar a emoção a partir de uma relação cultural e histórica, apontando que o processo de

estudo de construção das emoções é longo, “podendo remontar aos esforços pioneiros de fundação das ciências sociais como campo de saber autônomo”. As autoras também ressaltam o fato de os estudos das emoções aparecerem com frequência de forma secundária, embora o tema figure entre os trabalhos de muitos antropólogos e outros cientistas sociais.

Na área da Antropologia, o estudo das emoções alcança maior força a partir do desenvolvimento da abordagem interpretativa, na década de 1970, nos Estados Unidos. Com o desenvolvimento dessa abordagem, a noção de cultura foi repensada, produzindo muitos estudos em torno da construção cultural dos significados, nas mais diversas esferas da vida social, em particular os conceitos de pessoa e self, assim como das emoções. Foram trabalhos que também destacaram a articulação entre emoção e concepções de pessoa com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder (ibid., 2010).

No Brasil, ainda dando destaque à obra de Rezende; Coelho (2010), a temática das emoções chamou a atenção de pensadores da década de 1930, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que abordaram as emoções relacionadas à constituição de uma identidade nacional brasileira.

### 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O paradigma qualitativo e interpretativo de pesquisa (Denzin; Lincoln, 2006), que busca apreender a realidade complexa e as várias vozes que constituem o mundo social, orienta o meu caminho metodológico para este estudo. Assim, a justificativa da escolha deste método se dá de acordo com o proposto pelos autores ao ressaltarem que o ato de investigar é “um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele (do pesquisador) e daquelas pessoas que fazem parte do cenário” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17). Portanto, a pesquisa qualitativa é utilizada neste estudo por considerar a subjetividade, tanto do pesquisador como do participante, como parte do processo investigativo de pesquisa. (Flick, 2009).

Quanto ao participante da pesquisa, ele é professor de uma grande cadeia de cursos de inglês da cidade do Rio de Janeiro e, neste trabalho, por questões éticas, recebe o nome fictício de Paulo. Morador da Zona Oeste, Paulo tem 38 anos e possui uma vida profissional permeada pela necessidade do uso da comunicação oral de forma diária. Ele relata ter apresentado, ao longo da sua vida, muitas dificuldades para se comunicar, tanto no ambiente profissional como no pessoal, o que fez com que procurasse orientação de um profissional especializado.

Considerando esse cenário, o presente estudo apresenta dados de uma narrativa ocorrida em um contexto institucional, um consultório fonoaudiológico. Os dados desse momento discursivo-interacional foram gravados com o gravador do aparelho celular da pesquisadora e foram transcritos à luz das convenções em anexo. Selecionei para este artigo três excertos, que apresento e analiso em seguida.

#### Excerto 1

|    |       |   |
|----|-------|---|
| 01 | Lucia | vamos começar, como você fala bastante sobre        |
| 02 |       | comunicação você gostaria de falar o que            |
| 03 |       | significa para você... o que você quiser falar      |
| 04 | Paulo | bom... hã:: eu sou eu sou um professor né... sempre |
| 05 |       | fui hã:: e sempre desde pequeno a questão de...     |
| 06 |       | então por conta disso trabalho né com               |
| 07 |       | comunicação e desde pequeno comunicação pra         |
| 08 |       | mim é... sempre foi uma coisa meio é... de altos    |
| 09 |       | e baixos né então eu tive... eu tive... tive desde  |
| 10 |       | pequeno algumas inseguranças em relação a           |
| 11 |       | minha comunicação                                   |
| 12 | Lucia | Entendo   |
| 13 | Paulo | é...em especial hã:: tanto a questão da minha       |
| 18 |       | voz mesmo eu... eu... eu não gostava a... algumas   |
| 19 |       | dificuldades algumas dificuldades com né... com     |
| 20 |       | articulação de sons né com::até com algumas         |
| 21 |       | vezes hã::com uma certa gagueira aqui e ali         |

No excerto 1, Paulo inicia introduzindo informações contextuais ao se apresentar, identificando sua profissão, o que faz e o quanto a comunicação está presente no seu trabalho, como observado nas linhas 6 e 7. Nota-se, entretanto, que a contextualização sobre seu trabalho e suas funções não ganham força no discurso do participante deste estudo, neste primeiro momento, pela necessidade que tem de contextualizar no tempo o que significa comunicação para ele, como observado nas linhas 7 e 8, quando fala “desde pequeno comunicação pra mim é”. Paulo se situa no tempo passado ao relatar suas dificuldades: “eu tive desde pequeno algumas inseguranças em relação a minha comunicação” (linhas 9, 10 e 11). Pontua também o que o incomoda em relação à sua comunicação, “a questão da minha voz... eu não gostava... a algumas dificuldades na articulação de sons... e até uma certa gagueira aqui e ali” (linhas 13 a 21).

Podemos perceber que ele dá vazão a emoções negativas, que dizem respeito ao afeto de insegurança e infelicidade. De acordo com Vian Jr. (2011, p.105), a insegurança é um conjunto de sentimentos que envolvem as emoções relacionadas com o bemestar social, manifestando ansiedade, temor e confiança. Já a infelicidade/felicidade diz respeito a emoções

“envolvendo formas de sentimentos felizes ou tristes e a possibilidade de direcioná-los para o fenômeno de gostar ou não gostar”. Paulo, ao mencionar que não gostava de sua voz (linha 18), deixa uma marca clara do seu afeto de infelicidade. A categoria insegurança, por sua vez, está materializada no trecho “algumas inseguranças em relação a minha comunicação” (linhas 09 e 10).

Excerto 2

|    |       |  |
|----|-------|--|
| 22 | Paulo | e... <u>epor conta disso a escolha da minha</u>      |
| 23 |       | profissão se torna bastante curiosa né porque        |
| 24 |       | eu acabei escolhendo uma profissão onde eu           |
| 25 |       | irei... onde a comunicação onde É onde a             |
| 26 |       | profissão É COMUNICAÇÃO basicamente hh               |
| 27 | Lucia | Hum hum  |
| 28 | Paulo | então... há:: enfim... é bastante... sempre quando   |
| 29 |       | eu penso nisso é... eu acho bastante curioso         |
| 30 |       | claro que há... é... a medida em que eu fui... eu    |
| 31 |       | fui na minha profissão crescen::do e tal... aí       |
| 32 |       | as exigências aumenta:: ram em relação a tudo...     |
| 33 |       | e inclusive em relação a QUALIDADE da minha          |
| 34 |       | comunicação e isso me fez há... isso me fez          |
| 35 |       | procurar né o trabalho o trabalho do                 |
| 36 |       | fonoaudiólogo exatamente pra... pra aperfeiçoar      |
| 37 |       | essas há... essas questões né... e também com isso   |
| 38 |       | me dar né... me dar mais segurança                   |
| 39 | Lucia | Hum hum  |
| 40 | Paulo | eu acho que a comunicação ela tá... a                |
| 41 |       | <u>comunicação</u> ela tem mui::to a ver com a       |
| 42 |       | questão da autoestima da autoconfiança é meio        |
| 43 |       | meio que... meio que um ciclo mesmo talvez até...    |
| 44 |       | até uma... até uma... uma... uma daquelas discussões |
| 45 |       | do ovo do ovo e da galinha quer dizer uma            |
| 46 |       | comunicação, uma pessoa que tem uma                  |
| 47 |       | comunicação pouco eficiente ela PODE há... isso      |
| 48 |       | isso AFETA a questão da autoconfiança da             |
| 49 |       | autoestima, que por sua vez também afeta             |
| 50 |       | posteriormente há... DIFICULTAM né uma               |
| 51 |       | comunicação mais eficiente então fica aquela         |
| 52 |       | coisa do que vem primeiro                            |

No excerto 2, podemos notar que Paulo pensa sua comunicação a partir do recorte do seu trabalho. Sua fala, marcada por traços enfáticos ao pontuar que sua profissão é comunicação, demonstra um indicativo da importância que a comunicação representa para a sua vida profissional. O participante reforça essa importância ao enfatizar as exigências que, para ele, seu trabalho impõe, no que se refere à “qualidade da minha comunicação” (linha 33), o que “fez inclusive procurar o trabalho fonoaudiológico” (linhas 35 e 36).



A importância da comunicação no mercado de trabalho foi relatada por Kyrillos; Sardenberg (2019), ao mostrarem dados de um levantamento sobre as habilidades mais valorizadas no contexto profissional, sendo a comunicação a que esteve presente e mais relatada nesse levantamento.

Paulo caminha em seu discurso nesse excerto fazendo avaliações da comunicação a partir da visão de sua profissão. Ao relacionar a comunicação com seu trabalho, faz uma avaliação de julgamento, no âmbito da estima social. Esse tipo de julgamento se manifesta na cultura e nas relações de maior proximidade entre as pessoas (Fuzer; Cabral, 2023) e traduz a maneira pela qual as pessoas realizam avaliações sobre normalidade, capacidade e tenacidade, sem implicações legais. As avaliações de julgamento de estima social são determinadas pela cultura na qual as pessoas vivem, bem como “pelas experiências, expectativas, pretensões e crenças individuais moldadas por uma cultura particular e uma situação ideológica” (Vian Jr., 2011, p.106).

Nesse contexto, podemos inferir que Paulo realiza um julgamento negativo da capacidade que possui para exercer a comunicação no seu trabalho. Ele julga que há necessidade de “aperfeiçoar essas questões” (linhas 36 e 37), retendo a crença de não possuir a competência necessária, o que o fez buscar ajuda especializada, como narra nas linhas 35 e 36. Nesse momento também se manifesta um afeto negativo de insegurança, uma vez que enxerga o trabalho fonoaudiológico como uma forma de lhe dar mais segurança, como podemos observar nas linhas 37 e 38: “e também com isso me dar né... me dar mais segurança”.

Outro dado interessante a ser analisado quando Paulo relaciona comunicação à sua profissão, é o discurso que ele realiza nas linhas 22 a 26: “e... e ... por conta disso a escolha da minha profissão se torna bastante curiosa né porque eu acabei escolhendo uma profissão onde eu irei... onde a comunicação onde É onde a profissão É COMUNICAÇÃO basicamente hh”.

Podemos observar que ele inicia o excerto 2 dando continuidade ao que narrava anteriormente, no excerto 1. Dessa forma, o termo por conta disso se refere às dificuldades que avalia em sua comunicação. Paulo apresenta, em seu discurso, uma crença de não entender como pôde ter escolhido a profissão de professor, pelas questões que relata em sua comunicação. Esse fato é reforçado nas linhas 28 e 29, “enfim... é bastante... sempre quando eu penso nisso é... eu acho bastante curioso”, o que nos leva a perceber que ele realiza novamente um julgamento de estima social de incapacidade.

Paulo apresenta as suas avaliações sobre comunicação, sua compreensão e entendimentos sobre o tema e relaciona com questões que dizem respeito às emoções. Para ele,

o entendimento e o significado de comunicação estão relacionados à autoestima e autoconfiança “eu acho que a comunicação ela tem muito a ver com a questão da autoconfiança da autoestima” (linha 42). Utiliza a analogia do ovo e da galinha (linha 45) e constata que independentemente do “que vem primeiro” (linha 52), comunicação, autoestima e autoconfiança estarão sempre interligadas.

Esses fatos vão criando no participante deste estudo uma ideia sobre o que é a comunicação, de como ele entende e como ele avalia. O posicionamento e a visão de Paulo, em seu discurso, mostram a todo momento suas avaliações. Sua fala marcada pelo recurso enfático nas palavras “pode”, “afeta” e “dificultam” (linhas 47, 48 e 50, respectivamente), conduz também a avaliações sobre suas percepções a respeito da comunicação. Podemos perceber que ele utiliza primeiro o item lexical “pode” para, em seguida, escolher os termos “afeta” e “dificultam”. Esse fato demonstra que o participante deste estudo quis deixar claro seu posicionamento quanto a ter certeza de que existe a dificuldade, e não uma possível dificuldade, quando pontua a relação com a comunicação e a autoestima e autoconfiança na vida de uma pessoa

### Excerto 3

|    |       |  |
|----|-------|--|
| 53 | Paulo | Mas então... isso isso eu já notei isso eu já        |
| 54 |       | notei mesmo há... comigo né que conforme a minha     |
| 55 |       | conforme eu SINTO alguma melhoria na                 |
| 56 |       | comunicação a minha autoconfiança ela também         |
| 57 |       | aumenta então... então elas andam de mãos dadas      |
| 58 |       | né há... e vice versa né um... um <u>problema</u> de |
| 59 |       | comunicação ele acaba afetando também né a           |
| 60 |       | confiança e há... e como eu falei né você também     |
| 61 |       | pode ver pelo outro lado também como sendo o         |
| 62 |       | contrário, como sendo a confiança afetando a         |
| 63 |       | comunicação então são sempre essas duas coisas       |
| 64 |       | né andando há... andando de mãos dadas né e... e..   |
| 65 |       | e no final das contas é algo também que há...        |
| 66 |       | que a gente nunca nunca deixa de aperfeiçoar         |
| 67 |       | então é algo que sempre dá pra se trabalhar          |
| 68 |       | é algo que sempre dá pra ser há... melhorando        |
| 69 |       | detalhes aqui e ali                                  |
| 70 | Lucia | hum hum  |
| 71 | Paulo | E como eu falei como ela está ligada a questão       |
| 72 |       | de confiança e autoestima né uma melhora na          |
| 73 |       | comunicação ela pode ela VAI TER um impacto          |
| 74 |       | muito grande em outras áreas da sua vida que         |
| 75 |       | não necessariamente há... que não                    |
| 76 |       | necessariamente a comunicação em si                  |
| 77 | Lucia | Pra você isso é importante, digo isso impactou       |
| 78 |       | em algum momento da sua vida?                        |

|    |       |   |
|----|-------|---|
| 79 | Paulo | Sim sim <u>claro</u> a questão da comunicação como eu     |
| 80 |       | falei é... desde tanto em momentos ruins como em          |
| 81 |       | momentos bons né a comunicação ruim me AFETOU             |
| 82 |       | a autoestima em vários em VÁRIOS momentos da              |
| 83 |       | minha vida hã... e pela mesma lógica quando a             |
| 84 |       | comunicação ela fluia de forma eficaz ela FLUI            |
| 85 |       | de forma eficaz de forma hã... segura né ela ELA          |
| 86 |       | GERA ela ME DÁ <u>autoconfiança</u> também em... em... em |
| 87 |       | diversas em diversas áreas na minha vida                  |

No excerto 3, Paulo volta a relacionar a comunicação com a questão da autoconfiança e traz a sua autoconfiança nesse momento sob um prisma do afeto de segurança, ao afirmar que “mas então... isso isso eu já notei isso eu já notei mesmo hã... comigo né que conforme a minha conforme eu SINTO alguma melhoria na comunicação a minha autoconfiança ela também aumenta” (linhas 53 a 57). Podemos perceber que o afeto de segurança está instanciado em seu discurso nos trechos que pontuam que a melhoria na comunicação aumenta a sua autoconfiança.

Assim, a importância que a comunicação exerce na vida de Paulo fica evidente neste excerto. Ele nos fala sobre a capacidade que a comunicação tem para impactar, positiva ou negativamente, várias outras áreas da vida, como visto nas linhas 79 a 87. Carrega, nesses trechos do seu discurso, o afeto negativo de insatisfação e o afeto positivo de segurança.

Considero que, ao qualificar sua comunicação como ruim, “a comunicação ruim me AFETOU a autoestima em vários em VÁRIOS momentos da minha vida” (linhas 81, 82 e 83), Paulo sugere que possui um afeto negativo de insatisfação em relação a sua comunicação. A insatisfação é um conjunto que abrange as emoções relacionadas ao desagrado e desprazer (Vian Jr., 2011), lidando também com o sentimento de frustração em relação às atividades (ibid., 2011). No discurso de Paulo penso que esse sentimento se materializa no termo afetou, que ele seleciona para falar sobre sua autoestima.

O colaborador desta pesquisa finaliza o excerto 3 demonstrando que se sente mais seguro e confiante ao perceber o que classifica como melhora na sua comunicação: “quando a comunicação ela fluía de forma eficaz ela FLUI de forma eficaz de forma hã... segura né ela ELA GERA ela ME DÁ autoconfiança também em... em... em diversas em diversas áreas na minha vida”. Percebo que nesse momento temos um discurso que engloba os afetos positivos de felicidade e segurança.

Podemos observar que o afeto positivo de segurança se realiza no item lexical “autoconfiança”, proporcionando ao professor emoções de confiança e bemestar, que perpassam diversas áreas da sua vida. De acordo com Vian Jr. (2011), o afeto de segurança proporciona às pessoas emoções que a envolvem com sentimentos de paz, bemestar social e

confiança. Ao experienciar esses sentimentos, considero que Paulo vai ao encontro de um caminho que lhe proporcione o afeto de felicidade, não somente em relação a sua comunicação, mas também em outras esferas da sua vida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS

Nos excertos apresentados e analisados neste trabalho compreende-se o discurso por meio dos seus elementos linguísticos, buscando o sentido que se forma na frase e para além da frase. Podemos observar, e reconhecer, a importância do olhar mais detalhado da análise linguística e, mais especificamente neste estudo, da análise da avaliatividade no que se refere aos sentidos criados pelo professor desta pesquisa, no tocante à comunicação.

A partir do que o subsistema de Atitude nos proporciona para análise das emoções é possível compreender melhor as avaliações produzidas no discurso, bem como as escolhas feitas para expressá-las. Nesse sentido, as análises dos elementos avaliativos de Atitude ajudaram a compreender o posicionamento atitudinal de Paulo a respeito do que ele entende ser o papel da comunicação em sua vida pessoal e profissional.

Naturalmente sinto que este trabalho não se finaliza em si. Optei por um recorte que acreditei ser o mais proveitoso para as páginas deste trabalho, que levaram a momentos de reflexões vivenciados por mim e pelo colaborador deste estudo.

Ao trazer seu discurso sobre suas percepções a respeito de sua comunicação, Paulo nos sugere ir ao encontro das ideias pontuadas por Marinho et al. (2016), de que, para muitas pessoas, ter uma comunicação oral eficiente é, por vezes, uma tarefa desafiadora, defendendo que um treinamento pode ser uma oportunidade para melhorar o desempenho da sua comunicação. Esse parece ser o caminho que Paulo nos mostrou ter escolhido trilhar.

Percebi que o discurso de Paulo me forneceu dados para refletir sobre a comunicação para além do seu aspecto técnico, permitindo a ampliação do meu olhar e do meu fazer, como pesquisadora e profissional.

Sinto-me mais comprometida com o tema da comunicação humana e com a complexidade desse fenômeno, que é composto por múltiplos fatores que se interligam e se complementam.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA-JUEZ, L.; THOMPSON, G. Introduction. In: THOMPSON, G.; ALBA-JUEZ, L. (eds.) **Evaluation in context**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, p. 3-26, 2014.

PROVENZANO, Lucia Cristina Fernandes Antunes. “Sempre quando penso nisso, eu acho bastante curioso”: avaliações de um professor sobre comunicação à luz do Sistema de Avaliatividade. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.34, jan. 2025.

BARBARA, L.; MACÊDO, C. M. Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso: Um Panorama Introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Volume 10(1), 2009.

BARCELOS, A. Desvelando a relação entre crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, emoções e identidades. In: GERHARDT, A.; AMORIM, M.; CARVALHO, A. (Org.). **Linguística Aplicada e Ensino: língua e literatura**. Campinas: Pontes, 2013.

BEHLAU, M.; BÁRBARA, M. **Comunicação Consciente: o que comunico quando me comunico**. 256 p. Editora Revinter. Rio de Janeiro, 2022.

CHAVES, Tania Afonso. **A expressividade do professor universitário em situação experimental e de interação em sala de aula**. 2009, 209 f. Orientador: Eduardo Fleury Martiner. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Faculdade de Educação, 2009.

COELHO, M. C. P., & DURÃO, S. S. B. (2017). Introdução ou Como Fazer Coisas Com Emoções. **Interseções: Revista De Estudos Interdisciplinares**, 19(1).

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S.(Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, C.; CRUZ, J. F.; FONSECA, A. M. **Emoções: Passado, presente e futuro**. *Psicologia, [S. l.]*, v. 22, n. 2, p. 11–31, 2008.

FABRÍCIO, B.F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”. Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L.P (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FIORIN, J. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. Editora Ática, 2006.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUZER, C.; CABRAL, S.R.S. **Introdução aos Sistemas Discursivos em Linguística Sistêmico-Funcional**. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, PPGL, 2023.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2 nd ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 4<sup>th</sup> ed. London/New York: Arnold, 2014.

HANSEN, G. H. Learning by heart: a Lozanov perspective. In: Arnold, J. (Ed). **Affect in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 211-225, 1999.

KYRILLOS, L.; SARDENBERG, C.A. **Comunicação e Liderança**. Editora Contexto. São Paulo, 2019.

LE BRETON, D. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2019.

PROVENZANO, Lucia Cristina Fernandes Antunes. “Sempre quando penso nisso, eu acho bastante curioso”: avaliações de um professor sobre comunicação à luz do Sistema de Avaliatividade. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.34, jan. 2025.

MARINHO, A.C.F.; MEDEIROS A.M.; GAMA, A.C.C.; TEIXEIRA, L. C. **Fear of public speaking**: perception of college students and correlates. *J Voice*. 2016;31(1):127. e7-11.

MARTIN, J.; WHITE, P. **The Language of Evaluation**: Appraisal in English. New York: Palgrave; Macmillan, 2005.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos Construtos que tem orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES L. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006<sup>a</sup>. P.13

NÓBREGA, A. N. **Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico**: abordagem sociocultural e sociosemiótica. 2009. 244p. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (organizador). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006 p. 34-42.

PERUZOLLO, A. C. **Elementos da semiótica da comunicação: quando aprender é fazer**. Bauru –SP: EDUSC, 2004.

RAJAGOPALAN, K. Linguagem e identidade. In: RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística Crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p.149-168, 2006.

REZENDE C. B.; COELHO M. C. **Antropologia das Emoções**. Fundação Getúlio Vargas, 2010, Rio de Janeiro.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 3rd ed. London and New York: Routledge, 2014.

VERRENGIA, S.R.A **Linguagem e matemática**: uma relação conflituosa no processo de ensino? Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2006.

VERRENGIA, S.R.A.; PAVANELLO, R.M. **A comunicação e o ato de aprender em sala de aula**: refletindo sobre a disciplina de teoria e prática pedagógica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Maringá. *Educação Matemática Pesquisa EMP*. São Paulo, v.20, n.1, p. 334-358, 2018.

VIAN JR, O. O Sistema de Avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **D.E.L.T.A.**, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

VIAN JR; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S.D.P.A. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos, S.P: Pedro & João Editores, 2011.

PROVENZANO, Lucia Cristina Fernandes Antunes. “Sempre quando penso nisso, eu acho bastante curioso”: avaliações de um professor sobre comunicação à luz do Sistema de Avaliatividade. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.34, jan. 2025.

ZEMBYLAS, M. Emotions and teacher identity: a poststructural perspective. **Teachers and Teaching: theory and practice**. 9(3), p. 213-238, 2003.

ZEMBYLAS, M. **Beyond teacher cognition and teacher beliefs**: the value of the ethnography of emoticons in teaching. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 18, n. 4, p. 465-487, 2005.

## ANEXO – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

... pausa não medida

sublinhado ênfase

MAIÚSCULA fala em voz alta ou muita ênfase

: ou :: alongamentos

hh aspiração ou riso

Convenções utilizadas baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).

## A AUTORA

**Lucia Provenzano** é doutoranda em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É mestre em Fonoaudiologia pela Universidade Veiga de Almeida, Especialista em Voz pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia e Especialista em Linguagem pelo CEFAC – Saúde e Educação. É graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá. Atua em consultório com atendimentos fonoaudiológicos e também como fonoaudióloga concursada na área de educação do estado do Rio de Janeiro, exercendo sua função em sala de aula.

Email: [luciaprovenzano@yahoo.com.br](mailto:luciaprovenzano@yahoo.com.br)

PROVENZANO, Lucia Cristina Fernandes Antunes. “Sempre quando penso nisso, eu acho bastante curioso”: avaliações de um professor sobre comunicação à luz do Sistema de Avaliatividade. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.34, jan. 2025.